

Traumas cotidianos: refúgios e resistências

Revisitando o conceito de trauma para
pensar os sofrimentos cotidianos

Myriam Uchitel

Myriam Uchitel é psicanalista, membro do Depto. de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, coordenadora entre 2013 e 2021 do Grupo de Trabalho e Pesquisa *Faces do traumático* do Depto. de Psicanálise do mesmo Instituto. Autora dos livros *Além dos limites da interpretação* (1997, Casa do Psicólogo) e *Neurose traumática: uma revisão crítica do conceito de trauma* (2001, Casa do Psicólogo).

Resumo Este texto aborda o tema do trauma, as fontes de produção do traumático, tomando como referência central textos de Freud do pós-guerra. Pretende por sua vez precisar conceitos úteis para pensar o processamento do trauma, oferecendo algumas pistas para o trabalho com ele.

Palavras-chave trauma; cotidiano; fonte; processamento.

DOI: 10.70048/percurso.72.71-78

Contextos de produção do traumático

1914. Triste marco na história da humanidade cujo impacto na teoria psicanalítica culmina com reflexões sobre a guerra, com a revalorização do conceito de trauma, de neurose traumática, com a postulação da pulsão de morte, com reflexões sobre a agressividade e destrutividade humana, com o interesse em problematizar o impacto político, econômico e social sobre a produção da nossa subjetividade e sobre a necessidade ou não de discernir entre cultura e civilização.

Depois de uma obra centrada durante décadas no desvendar das raízes do sofrimento psíquico – seus dinamismos produtores e seus efeitos sintomáticos –, com espanto, decepção e perplexidade frente “à maldade da época” e ao desmoronamento dos mais indispensáveis valores civilizatórios, Freud se indaga sobre o porquê da guerra, do ódio, da crueldade, da destrutividade, enfim, sobre o que denomina o “mal-estar na civilização”. Mal-estar que redundava em efeitos traumáticos individuais e coletivos. O marco edípico, o Complexo de Édipo, o complexo familiar torna-se estreito perante a exigência de compreender o homem no seu contexto social.

Inúmeras passagens significativas na obra freudiana operam como paradigmas na abordagem de questões que remetem a múltiplas fontes de produção do traumático.

Em alguns textos, perguntas incisivas instigam possíveis e fecundas análises sobre a responsabilidade que pode ser atribuída à estrutura sócio-político-econômica de uma sociedade, ao tipo de distribuição de bens e riqueza e à natureza do humano na produção do traumático.



*os convívios traumáticos
cotidianos não são patrimônio
de uma época; cada tempo
e cultura carrega suas
próprias condições potenciais
de produção do traumático*

Em que medida uma sociedade onde uma parte de seus integrantes, como salienta Freud, depende da opressão de outra parte para a satisfação das suas necessidades, ou uma sociedade em que parte dela não conta sequer com condições mínimas de subsistência – uma sociedade em que a maior parte de seus membros preocupada com a sobrevivência biológica se encontra impossibilitada de todo desenvolvimento cultural e subjetivo – pode permitir uma vida comunitária salutar com suas funções de autoconservação e autopreservação garantidas?

Não é preciso dizer, escreve Freud num parágrafo contundente, que “uma cultura que deixa insatisfeito um número tão grande de seus membros e os impulsiona à revolta não pode permanecer por muito tempo e nem o merece”¹.

No entanto, não é exclusivamente nesta ordem social que Freud encontra justificativa para vínculos desumanos, cruéis e traumatizantes. Ele vai buscar no sadismo da pulsão e na coerção dos códigos, das normas, das penalidades e punições, embora necessárias para a vida em sociedade, também uma fonte importante de produção do traumático e do mal-estar reinante. Conclui assim – no aparente indissolúvel paradoxo entre a necessidade do controle exigido para viver em grupo e a rebeldia contra a insatisfação – a necessidade de obediência, os limites e a renúncia às pulsões que essas regras impõem.

Apesar das inúmeras conquistas no devir

humano no plano da cultura e da ciência, a grande decepção, acusa Freud, se localiza nas restritas conquistas no plano do desenvolvimento humano. Ele não está convicto da capacidade de renúncia dos homens à satisfação das pulsões, à obediência necessária à lei, à possibilidade de conciliação. Surpreende-se e se intimida frente ao estampido das pulsões agressivas, à falta de diques, à falta do controle pulsional quando se trata de violência, e da relutância em ceder ao bem comum.

Vários textos de Freud do pós-guerra impressionam pela atualidade de seus conteúdos reforçando hipóteses desesperançosas sobre o devir humano, mas desafiando, por sua vez, a um trabalho conjunto de sociedade.

Em que medida o colocado acima – as condições políticas e socioeconômicas de existência, a pulsão destrutiva e o sadismo da pulsão, “a crueldade do outro humano”², a indiferença frente ao sofrimento alheio, as relações desumanas perversas que convertem o outro em objeto da submissão, da vergonha, da autoculpabilização, a pulsão de vingança e a pulsão de domínio – são fatores que podem contribuir para a compreensão da produção dos traumas cotidianos e seus desdobramentos?

Os convívios traumáticos cotidianos não são patrimônio de uma época; cada tempo e cultura carrega suas próprias condições potenciais de produção do traumático.

Num primeiro momento, Freud focaliza na sexualidade o estopim do traumático. Vinte anos mais tarde, os impactos e sequelas da guerra reanimam o conceito do trauma real e, com ele, o de neurose traumática, associado às neuroses de guerra. Esse tema motiva em 1918 o V Congresso Psicanalítico em Budapeste, que conta de forma curiosa e promissora com a presença de autoridades oficiais das potências centro-europeias e que culmina, também de forma chamativa e promissora, com o projeto de instalação de “consultórios psicanalíticos”, que só não se concretiza como projeto dessas nações pelo término da guerra.

Mas será que os conflitos geradores de trauma terminam? Será que o combate, a briga,

o confronto pela imposição de interesses materiais, ideológicos, étnicos ou religiosos cessaram em algum momento definitiva ou parcialmente?

Por que então não se insiste na multiplicação de Policlínicas psicanalíticas como política de saúde pública?

Será que os efeitos do que estamos chamando de traumas cotidianos para os quais estamos hoje convocados a pensar se diferenciam substantivamente dos estragos produzidos pelos traumas de guerra? Sabemos que outras guerras talvez mais sutis, menos estrondosas, mas igualmente devastadoras do psiquismo humano estão presentes dentro ou fora das portas que diariamente atravessamos.

A naturalização das paisagens humanas visíveis embaixo de pontes, nos morros, nos viadutos ou praças nos defende dessas imagens, mas nos condena a uma “recusa”, uma defesa que camufla a realidade e pouco ou nada defende.

Se nas neuroses de transferência os determinantes concentram-se nos aspectos disposicionais, nas vicissitudes da história da sexualidade infantil, no conflito, na produção fantasmática, na insatisfação da libido, nas frustrações amorosas e no sintoma como expressão simbólica de um conflito, nas neuroses traumáticas – embora também participem estes fatores – a ênfase recai na violência externa, no impacto associado a graves choques, ao fator surpresa, ao susto excessivo, ao sobressalto e à ameaça ou perigo de

»
nas neuroses traumáticas,
a ênfase recai na violência
externa, no impacto associado
a graves choques, ao fator
surpresa, ao susto excessivo,
ao sobressalto e à ameaça
ou perigo de morte

morte. Fatores que encontram visibilidade nos milhões de desempregados; no número de suicídios cada vez mais alarmante; nas rupturas periódicas de mecanismos de pertencimento; nas produções ficcionais inquietantes sobre o fim do mundo – duzentos e onze filmes realizados entre 2001 e 2018, contra cento e cinquenta e quatro produzidos em todo o século passado³ –; nas medidas pouco ou nada contemplativas dos governos que lesam de maneira inclemente e desumana a população; nas vivências radicais de desamparo, produto de eventos extremos da natureza e da violência da sociedade humana; na eclosão alarmante de facções do crime organizado, de violência das torcidas, de brigas, roubos, sequestros, estupros, assassinatos, intolerância, discriminação, *bullying*; nas respostas brutais à presença migratória, à presença do “estrangeiro”; nos excessos impostos pela tecnologia; no esgotamento provocado pela “sociedade do desempenho” e da “produção”, como apontam as reflexões do coreano Byung-Chul Han⁴. Esgotamento que obedece às pressões da necessidade de sucesso, conquista, destaque, êxito, que espalham autotraumatismos pela violenta “exigência de si”, provocando, como o autor afirma, verdadeiros “infartos psíquicos”.

Embora o modelo das séries complementares permaneça vigente, seja se tratando das neuroses de transferência ou das neuroses traumáticas⁵, cabe-nos perguntar sobre a relação

- 1 S. Freud, “El porvenir de una ilusión”, *Obras completas de Sigmund Freud*, p. 2966. Tradução nossa.
- 2 Ana Berezin traz à tona em vários de seus artigos algumas hipóteses sobre a crueldade, entendendo-a como “um traço exclusivo da espécie humana. Trata de uma violência organizada para fazer padecer o outro sem se comover e com complacência” (“Acerca de la Crueldad y la Hospitalidad”, in D. Waisbrot et al. (comp.), *Clínica psicanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*, p. 134).
- 3 “Produção cinematográfica sobre apocalipse explode no século 21”, *Folha de S.Paulo*, 6 jul. 2018.
- 4 B.-C. Han, *Sociedade do cansaço*.
- 5 J. Laplanche; J.-B. Pontalis (*Diccionario de Psicoanálisis*), tomando Freud como referência, definem a neurose traumática como “um tipo de neurose na qual os sintomas aparecem consecutivamente a um choque emotivo, geralmente ligado a uma situação em que o sujeito sentiu ameaçada sua vida. Manifesta-se no momento do choque como uma crise de ansiedade paroxística que pode provocar estados de agitação, estupor ou confusão mental.



*entendemos também,
e fundamentalmente,
o trauma a partir
da desproporção gerada
entre certa vivência e
os efeitos desagregadores e
dessubjetivantes que causa*

que existe entre ambas as neuroses, sobre qual a pertinência de manter o conceito de neurose traumática, ou se cabe desprender o traumático da neurose. Não porque careça a neurose do componente traumático, mas porque entendemos que o traumático subjaz não só à neurose, mas também à psicose, à perversão e às desorganizações, que além de provocarem crises mostram drásticas alterações nas funções do eu, sem por isso configurar claramente uma já reconhecida dinâmica psíquica.

Se mantemos o conceito de neurose traumática, sugiro explorar a necessidade de incluir também o de psicose traumática, o de perversão traumática e para um outro tipo de manifestação, quem sabe, o conceito de desorganização traumática ou sofrimento traumático.

Algumas explicitações

1. Pensamos oportuno diferenciar: a *condição potencial traumática* que um acontecimento carrega, de um *estado traumático* (em sua condição transitória), da *instalação do trauma*;

2. Acreditamos também relevante distinguir: a *vivência traumática*, da *experiência traumática*. Diferença que atravessa tempo, consciência e memória. Wikinski, em seu livro *O trabalho da testemunha. Testemunho e experiência traumática*, trabalha com esses termos. Enquanto define a

vivência (*Erlebnis*) como uma experiência em bruto, vivida instantaneamente, não atravessada pela consciência, e que por isso permanece como inscrição durável, quase indelével, não no sentido da lembrança e sua narração, mas no sentido de uma marca indecifrável dentro de si; a experiência (*Erfahrung*), diferentemente, trata de um acontecimento do qual a consciência participa e pode ser narrada⁶.

3. Entendemos que é a partir do impacto sobre o psiquismo que podemos falar retrospectivamente de uma experiência traumática e ao mesmo tempo, a partir dos efeitos, de um psiquismo traumatizado. O trauma não remete nem exclusivamente à realidade externa (embora ela possa parecer evidente em sua potencialidade traumática) nem a uma realidade interna fantasmática. Ambos os fatores precisam ser contemplados. Ignorar a realidade externa a favor da realidade psíquica seria desconsiderar seu risco desorganizador e isentá-la do peso da responsabilidade. Porque, como diz Pelento, “há realidades que são destituídas da subjetividade e não reveladoras de uma falha prévia”⁷.

4. Entendemos por trauma, a partir de uma perspectiva econômica, o efeito sobre o psiquismo gerado pela desproporção entre o excesso de excitação e a capacidade do sujeito para processá-lo; entendemos também, e fundamentalmente, o trauma a partir da desproporção gerada entre certa vivência e os efeitos desagregadores e dessubjetivantes que causa. Nesse sentido nos valemos da precisa caracterização que Silvia Bleichmar faz para entender o fenômeno traumático:

O impacto traumático coloca em risco em maior ou menor grau dois grandes aspectos da organização do ego⁸ e de sua função: a *autopreservação* e a *autoconservação*. Entendendo o ego como uma organização defensiva, o traumático é aquilo que coloca em risco tanto a forma com a qual o ego se representa a conservação da vida – não necessariamente a conservação da vida em termos determinados pela biologia, mas na forma mediante a qual o ego se representa a conservação da vida e seus

riscos – como desde o ponto de vista da autopreservação das formas em que o sujeito se sente em risco a respeito dos enunciados identificatórios que o constituem.⁹

Em situações relativamente estáveis, diz a autora, as contradições entre essas funções não são evidentes, e ambas se desenvolvem sem tropeços; mas, quando se produzem fortes instabilidades – política, econômica, perdas, cenários de ameaça, de medo, de ruptura, situações que nos submergem na incerteza, na desesperança, na queda intempestiva de valores morais ou éticos arduamente conquistados –, essas funções se desestabilizam. Em nome da autoconservação, por exemplo, podem ser abalados princípios, fundamentos de identidades construídos ao longo da história do sujeito e das relações sociais; ou, inversamente, no propósito de que os princípios se mantenham, colocam-se em questão mecanismos que até então eram garantia necessária para a manutenção da vida. Sob tortura, por exemplo, o sujeito pode se sentir impelido a romper com valores que sustentavam a própria existência.

- 6 Wikinski aborda o conceito de narração “não como um mero acesso à palavra. A qualquer palavra”. Há uma diferença radical, diz ela, entre o relato do acontecido e a narração do traumático. A narração dependerá do aparelho psíquico que recepcione, da qualidade do fato, do interlocutor real ou imaginário e das circunstâncias em que ele aconteça. Influenciando-se mutuamente a possibilidade de narrar e simbolizar (*O trabalho da testemunha. Testemunho e experiência traumática*, p. 69).
- 7 M.L. Pelento, Efectos de la catástrofe social: intervenciones en la Clínica, in D. Waisbrot et al. (comp.), *Clínica psicanalítica antes las catástrofes sociales: la experiencia argentina*, p. 196. Tradução nossa.
- 8 Optamos por traduzir o termo *yo* do espanhol por *ego*. Observamos que nessa língua não há diferença entre *ego* e *eu*; se usa indistintamente o termo *yo*. Determinamos essa escolha – *ego* em vez de *eu* – porque o *yo* está sendo referido especialmente a funções, como a da defesa e percepção.
- 9 S. Bleichmar, “Conceptuación de catástrofe social. Limites y encrucijadas”, in *Clínica psicanalítica ante las catástrofes sociales*, p. 40. Tradução nossa.
- 10 Trauma cumulativo é um conceito de Masud Khan, que descarta como responsável pelo traumatismo um único acontecimento traumático. Ele é fruto de falhas acumulativas na contenção do excesso pulsional, produzindo “fendas repetidas...[que] se acumulam de forma silenciosa e invisível” (*Psicanálise: teoria técnica e casos clínicos*, p. 63).
- 11 I. Lewkowicz, “Conclusiones, ideas, problemas”, in D. Waisbrot et al. *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*.

»»

*encontramos este caráter de trauma
cumulativo e crônico em certas
condições de existência materiais
e humanas que habitam a nossa
cotidianidade: na experiência
da fome, na falta de abrigo, de amparo,
de acolhimento, nas humilhações,
nos desrespeitos, nas deslealdades,
nos orgulhos vencidos*

5. Parece-me importante diferenciar situações traumáticas agudas, situações que se apresentam de maneira imprevisível, supressiva, gestadas como as neuroses traumáticas, de outras situações presentes também em nossos traumas cotidianos, que mesmo sem as características de produção similar às das neuroses traumáticas acabam gerando a médio ou longo prazo efeitos análogos sobre o psiquismo. Encontramos este caráter de trauma cumulativo¹⁰ e crônico em certas condições de existência materiais e humanas que habitam a nossa cotidianidade: na experiência da fome, na falta de abrigo, de amparo, de acolhimento, nas humilhações, nos desrespeitos, nas deslealdades, nos orgulhos vencidos, no efeito deletério e corrosivo da ameaça permanente do que não ocorreu, mas pode ocorrer.

Processamento do traumático

Sem ignorar o potencial traumático de uma situação e o estado traumático que provoca, pensamos que é a possibilidade de seu processamento e a qualidade de sua inscrição que perpetuarão ou não o trauma e seus efeitos, ou permitirão transformá-lo no que podemos chamar de acontecimento, na acepção que Lewkowicz¹¹ escreve, como campo em que se alteram as marcas simbólicas e aparece algo radicalmente novo.

O filme *Uma noite de 12 anos*¹², inspirado no livro *Memorias del Calabozo* de Mauricio



acreditamos que o que estamos chamando aqui de “desorganizações traumáticas” se revelam mais frequentemente nos excessos agressivos do que libidinais; em registros mais narcísicos do que edípicos; na angústia real despertada mais por um perigo externo

Rosencof e Eleuterio Fernandez Huidobro, explora a dramática vivência na prisão de três militantes revolucionários que passam sete de seus doze anos presos numa solitária, tentando “sobreviver ao inferno”. Quem poderia retrucar o estado traumático daqueles acontecimentos, que sob a ditadura militar viveram esses presos políticos subjugados pelas torturas impiedosas, pelas degradantes humilhações, pelas privações do básico à sobrevivência, com o propósito explícito de que essas condições pudessem conduzi-los à loucura ou a morte? Mas contra qualquer previsão eles resistiram. A resistência transformou-se em lema e motivo de vida. Tratava-se de resistir à falta do espaço, à falta do tempo, à falta da luz, do repouso, da esperança e, por vezes, do desejo. Resistir também à solidão, à incomunicação, à falta de comida e à ameaça insistente da morte. Resistir à falta de palavras, ao excesso delas e ao ensurdecido silêncio.

Como foi possível sobreviver, perguntamos-nos, como foi possível desafiar o trauma, a própria morte e reverter essa condição não ao ponto anterior à prisão, mas muitos passos à frente? O filme finaliza apontando a retomada deles para um futuro que a prisão interrompeu, mas não frustrou.

O trauma, e esta é uma aposta, também pode ser capaz de promover “recomposições simbólicas”, mudanças e tomadas de atitude capazes de converter, como Lewkowicz¹³ fala, “devasta-

ção em acontecimento”. Acontecimento que, ao mesmo tempo que provoca ruptura na trama das representações, recompõe, organiza e cria novas formas, devolvendo uma continuidade e uma conclusão na realidade interrompida e inconclusa.

O trabalho com o trauma contempla um trabalho de luto, um trabalho de transcrição que transforme o indizível e irrepresentável em figurável¹⁴, representável e narrável. Que transponha as marcas em traços mnêmicos, e a vivência em experiência. Trata-se de compor o relato do acontecido e de construir um sentido para cada dor. Trata-se também de retirar o trauma da imensa solidão em que é vivido, dirigindo-o a um outro que, como testemunho, saiba que, paradoxalmente, como escrevem Jô Gondar e Diego Firsich Antonello¹⁵, embora a narração seja importante, “[...] o que aconteceu não faz parte do narrável”.

Até que ponto, perguntamos-nos, categorias de análise que funcionaram durante décadas para explicar e intervir em realidades psíquicas subjetivas e intersubjetivas continuam vigentes no meio de tantas mudanças?

Acreditamos que o que estamos chamando aqui de “desorganizações traumáticas” se revelam mais frequentemente nos excessos agressivos do que libidinais; em registros mais narcísicos do que edípicos; na angústia real despertada mais por um perigo externo, do que por uma angústia exclusivamente pulsional; nas relações analíticas estabelecidas por identificações projetivas, atuações e *enactement*¹⁶, e não só pelo que chamamos estritamente de relação transferencial. Também reconhecemos sua expressão na dificuldade que o sujeito tem de representar, ora pelo desbordamento quantitativo, ora pela dificuldade de processar, ou pelo tratamento defensivo que o sujeito implementa quer seja pela *incorporação* – mecanismo que trata de absorver o trauma ignorando a perda –, ou pela *recusa*, como “desautorização do processo perceptivo”, mecanismo que atenta contra o processo de simbolização, destituindo ou descaracterizando o acontecimento traumático.

Considerações finais

Embora o sujeito sofra a solidão do trauma, podemos dizer que ele se gesta e se processa na intersubjetividade. Não há saída individual para o trauma. Freud escreve algo fundamental sobre isso no texto *O mal-estar na civilização*¹⁷, quando diz que o destino do indivíduo não é alheio à comunidade na qual se insere, ou quando em *Clínica psicanalítica das catástrofes sociais*¹⁸ podemos ler que “não há saúde coletiva sem saúde individual”, assim como entendemos que não há saúde individual sem saúde coletiva.

Se o trabalho com o trauma nos confronta com a dificuldade de lidar com o irrepresentável, com o indizível, com o difícil de ser narrado, com o que está mais longe da representação e mais próximo da apresentação, parece-nos interessante pensar na contribuição de outras ferramentas,

precisamos resistir ao trauma,
naquilo que o trauma nos paralisa,
padroniza e repete, naquilo que nos
limita para o trabalho coletivo,
para o trabalho de integração,
dentro e fora da psicanálise

como por exemplo os recursos do psicodrama ou de outras técnicas como a fotolinguagem que, a nosso ver, podem compor com a psicanálise e propiciar, como mediadoras, um trabalho de figurabilidade e simbolização.

Precisamos *resistir* ao trauma, naquilo que o trauma nos paralisa, padroniza e repete, naquilo que nos limita para o trabalho coletivo, para o trabalho de integração, dentro e fora da psicanálise.

Estamos, como muitos dizem, em plena vigência distópica, antíteses de uma utopia que alimentou durante décadas o ideal de uma sociedade mais justa inspirada na ilusão de um “homem novo”, solidário, capaz de antepor ao interesse individual o interesse coletivo. Urge recriar utopias e modificar crenças. Penso que não se trata, como diz o provérbio, de “se queres paz, prepara-te para a guerra”; eu diria: se não queres guerra, prepara-te para a paz. Nesse sentido, a psicanálise pode ser um poderoso instrumento.

12 Dirigido por Álvaro Brechner (Argentina-Espanha-Uruguai, 2018).

13 I. Lewkowicz, *op. cit.*

14 A figurabilidade – conceito trabalhado especialmente por César e Sara Botella em livros como: *Irrepresentável: mais além da representação* e *A figurabilidade psíquica* – remete a um trabalho que pretende através de uma regressão formal, ao estilo do que acontece no sonho, aceder ao que ainda no paciente permanece irrepresentável, como “memória sem lembrança”. Para os Botella a emergência dessas imagens permitirá um acesso a vivências infantis, uma espécie de alucinação, ligada a canais perceptivos.

No trabalho “Simbolizações de transição: uma clínica aberta ao real”, Silvia Bleichmar coloca em questão a prática da interpretação simbólica em situações traumáticas por entender que quebra o nexo com o vivenciado. Na intenção de construir um tecido simbólico, ela fala de dois recursos: as *simbolizações de transição* (que entendo próximas ao trabalho de figurabilidade) e os *autotransplantes psíquicos* – implantação de contextos (processo que entendo similar ao de construção). (*El desmantelamiento de la subjetividad: Estallidos del yo*).

15 J. Gondar; D.F. Antonello, “O analista como testemunha”. *Psicologia USP*, vol. 27, n. 11, p. 16-23.

16 O termo *enactement* remete a uma demanda de resposta. É um tipo de encenação, que “exige do analista ocupar um papel que em geral não reproduz um papel já vivido pelo sujeito com alguém na história passada, mas um papel que permita uma experiência de relação não vivida antes” (M. Uchitel, “Novos tempos, novos sintomas, novo lugar para a transferência?”, in L.B. Fuks; F.C. Ferraz (orgs.), *Desafios para a psicanálise contemporânea*, p. 123). Trata-se de constituir uma possibilidade de comunicação onde não havia. Corresponde a uma pulsionalidade primitiva fora do controle do recalamento.

17 S. Freud, “El malestar en la cultura”, in *Obras completas de Sigmund Freud*.

18 D. Waisbrot; M. Wikinski; C. Rolfo; D. Slucki; S. Toporosi. *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: La experiencia argentina*.



Referências bibliográficas

- Berezin A. (2003). Acerca de la crueldad y la hospitalidad. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p. 131-142.
- Bleichmar S. (2003). Conceptuación de catástrofe social. Límites y encrucijadas. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica Psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p. 35-51.
- _____. (2009). Simbolizaciones de transición: Una clínica abierta a lo real. In *El Desmantelamiento da subjetividad. Estallidos del Yo*. Buenos Aires: Topia. p. 63-83.
- Botella C.; Botella S. (2002). *Irrepresentável: Mais além da representação*. Porto Alegre: Criação Humana.
- _____. (2003) *La figurabilidad psíquica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud S. (1927/1973). El porvenir de una Ilusión. *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- _____. (1929-30/1973). El malestar en la cultura. *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Gondar J.; Antonello, D.F. (2016). O analista como testemunha. *Psicologia USP*, vol. 27, n. 11, p. 16-23. São Paulo, DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>.
- Chul Han B. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Khan M. (1984). *Psicanálise: Teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Laplanche J.; Pontalis J.-B. (1977). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Labor.
- Lewkowicz I. (2003). Conclusiones, ideas, problemas. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p. 219 -244.
- Pelento M.L. (2003). Efectos de la catástrofe social. Intervenciones en la Clínica. In Waisbrot D. et al. (comp.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: La experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós. p.188-197.
- Uchitel M. (2003). Novos tempos, novos sintomas, novo lugar para a transferência? In Fuks, L.B.; Ferraz F.C. (orgs.). *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Waisbrot D.; Wikinski M.; Rolfo C.; Slucki D.; Toporosi S. (comp.) (2003). *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina*. Buenos Aires: Paidós.
- Wikinski M. (2019). *O trabalho da testemunha. Testemunho e experiência traumática*. São Paulo: Annablume.

Traumas of everyday: refuges and resistance – revisiting the concept of trauma to think about everyday suffering

Abstract This writing expresses the concern with trauma, with the intensity of psychic suffering, with the sources of production of the traumatic, taking as a central reference Freud's post-war texts. It intends to specify useful concepts for thinking about the processing of trauma, offering some clues for working with it.

Keywords trauma; daily life; source; processing.

Texto recebido: 12/ 2023

Aprovado: 03/2024